



A versão dos manifestantes e das manifestantes para a luta contra o aumento das tarifas de ônibus

Enfrentar a polícia X defender-se da polícia, arrombar as portas dos ônibus X abrir as portas, manifestar-se em um espaço público X invadi-lo com bombas de gás, tiros de bala de borracha, spray de pimenta e espancamentos

Movimento Passe Livre (MPL) de São Paulo

Apesar de a foto da matéria “Estudantes arrombam ônibus contra tarifa”, publicada no caderno Cotidiano da Folha de S. Paulo em 25 de novembro, mostrar uma série de estudantes ajoelhados e de braços levantados diante da Força Tática da Polícia Militar, no Terminal Parque Dom Pedro, a legenda afirma que adolescentes “enfrentaram” policiais no terminal de ônibus.

“Enfrentar”, “atacar de frente” ou “entrar em confronto” não representa o que de fato ocorreu no final do ato contra o aumento das tarifas de ônibus em São Paulo, na última sexta-feira, dia 24 de novembro. Embora tenha contado com ações de desobediência civil, como a abertura das portas traseiras de alguns ônibus, o ato foi divertido, engraçado e totalmente pacífico, além de informar a população sobre o aumento abusivo das tarifas e sobre nossos direitos. Se houve qualquer enfrentamento, foi de um “exército de palhaços” desarmado, presente ao longo de toda a manifestação, e a reação da polícia foi muito violenta e desproporcional.

A noção de “entrar em confronto”, constantemente utilizada pela grande mídia para criminalizar os movimentos sociais, é equivocada, porque sugere que existem dois grupos agindo em equidade de forças; não que um grupo agente (a polícia, forte, armada) chegou batendo em um grupo paciente (os manifestantes), que se ajoelharam de braços levantados ou se defenderam como puderam.

Além disso, a afirmação de que portas de ônibus foram “arrombadas”, presente logo no título da matéria, é exagerada. De fato, as portas traseiras de alguns ônibus foram abertas à força, mas apenas temporariamente, de modo que usuários e usuárias pudessem entrar nos ônibus sem pagar as passagens, sem passar pela catraca. Após a entrada das pessoas, as portas se fechavam sozinhas, devido a seu mecanismo automático. Se lembrarmos que o direito de ir e vir é garantido na nossa constituição (art. 5º), os manifestantes que abriram as portas estavam prestando um serviço à sociedade, agindo em obediência civil, mais que em desobediência.

Um terceiro erro é a insistência da imprensa na palavra “invasão”. Quando famílias sem-teto ocupam imóveis ou

terrenos vazios e abandonados há muitos anos, sem cumprir qualquer função social, a mídia fala que os sem-teto “invadiram” os imóveis ou terrenos cuja única função é esperar a especulação imobiliária enquanto abriga entulho, ratos, urubus e baratas. No caso da manifestação dentro do Terminal Parque Dom Pedro, onde somos acusados de ter “invadido” o terminal, é importante deixar claro que este é um espaço público, disponível para uso da população, especialmente usuários e usuárias de ônibus, o que é nosso caso. Além disso, temos direito de nos manifestar contra o aumento, afinal, diferentemente do prefeito Kassab, não somos ricos e andamos de ônibus, como a imensa maioria da população.

Quem “invadiu” o terminal foram os mais de 50 homens e mulheres da Polícia Militar, representando os governos, jogando bombas e mais bombas de gás lacrimogênio na população, disparando tiros de bala de borracha e utilizando largamente cassetetes e o spray de pimenta, que, apesar de ser proibido em diversos países até mesmo como arma de guerra, no Brasil é utilizado contra a população civil.

Por fim, o ato não teve “consultoria” de nove pessoas de Florianópolis. Foi um sério erro de apuração a reportagem não ter checado as informações dadas pelo rapaz identificado como “Guaxinim”. O ato foi organizado pela Frente de Luta Contra o Aumento, convocada pelo Movimento Passe Livre, que atua em mais de 10 cidades brasileiras, inclusive em Florianópolis, por um transporte público de verdade. Temos estratégias e formas de ação comuns, acordadas em nossos encontros nacionais, sem a necessidade de transferência de militantes de uma cidade para a outra. Inclusive, somos um movimento horizontal, sem hierarquia, sem líderes. Se alguns de nós utilizamos lenços cobrindo nossos rostos nas manifestações, não o fazemos para “parecer o subcomandante Marcos”, mas porque, assim como os zapatistas, não estamos preocupados com a nossa identidade individual, mas com a coletividade: “agora não sou eu, somos nós!”

Mais que lutar contra o aumento das tarifas de ônibus, lutamos contra a *existência* de uma tarifa. Para ser público de verdade, sem exclusão social, o transporte coletivo precisa ser subsidiado por impostos da parcela mais rica da população, que é quem mais se beneficia dele, uma vez que os ônibus levam os trabalhadores ao local de trabalho.

“Passe Livre” é isso: a gratuidade no Transporte para o conjunto da população. A defesa de um serviço público pago indiretamente, como já acontece com as escolas e hospitais públicos. Em tempo, só teremos Educação pública de verdade se o Transporte for público de verdade. No Brasil muitas pessoas estão excluídas da Educação porque não podem pagar o ônibus até a escola. Se a tarifa aumentar para R\$ 2,30, esta exclusão também vai aumentar.

Movimento Passe Livre (MPL) de São Paulo
mpl-sp@riseup.net | www.mpl.org.br

Pedimos que este texto seja publicado na íntegra no caderno Cotidiano da Folha de S. Paulo, como direito de resposta dos aproximadamente 800 manifestantes presentes no ato do dia 24. Na sequência estamos enviando duas fotos da “operação porta aberta”, como sugestão de publicação. Legenda única das fotos: Abertura das portas traseiras de um ônibus: ato de desobediência civil, por um transporte gratuito. Fotógrafo: A.N.T.I. cinema